

# Bandidos assassinam 12 pessoas e ferem três

por Luís Lemos, da AIM, totes de Lázaro Mueche

Um grupo de bandidos armados atacou, na madrugada do dia 29 do mês passado, a Aldeia Comunal de Magare, no distrito de Guruê, tendo assassinado doze pessoas e ferido gravemente outras três.

Magare fica a sete quilômetros, em linha recta, da sede do distrito de Guruê, nas imediações das plantações do maior complexo industrial de chá do País.

Ao todo foram assassinadas seis mulheres, duas crianças e quatro homens.

Uma das crianças, Patrício Pedro, de três anos de idade, faleceu a caminho do Hospital Provincial de Quelimane.

entraram na aldeia por volta das quatro horas da manhã e começaram a bater às portas das casas, semeando o pânico.

«A primeira coisa que perguntaram foi por que motivo nos tínhamos reu-

recolhemos os corpos e enterrámos a família», concluiu Vicente, visivelmente angustiado.

«A mim não me mandaram tirar a roupa, porque ela já estava rasgada», disse por seu turno Jacinto, irmão de Celestino. Jacinto tem 12 anos e ficou ferido numa das mãos.

«Logo que começaram a disparar fiz como o meu irmão, comecei a rastejar para o mato. Foi neste momento que uma bala me feriu a mão esquerda, mas eu não parei».

Segundo disseram, a família vai abandonar temporariamente a aldeia,

à semelhança do que fizeram outros aldeões.

Este foi o segundo massacre do género na região, no espaço de pouco menos de dois meses. A quatro de Agosto, na Unidade de Produção n.º 2, da EMOCHA, os bandidos assassinaram vinte e duas pessoas, ao contrário das doze anteriormente noticiadas pela AIM, e feriram outras seis, umas delas gravemente.

De acordo com o administrador do Guruê, Evaristo Silva Vezula, esta é a nova estratégia dos bandidos: uma vez que devido à pressão das Forças Armadas diminuíram as hipóteses de atacar alvos económicos.

«Eles são constantemente perseguidos pelo Exército, os chefes fugiram quase todos para a África do Sul, e eles vingam-se assim nas populações indefesas», disse Vezula.



O jovem Rosário-Pedro ao ser desembarcado do avião que o evacuou para Quelimane devido aos ferimentos que sofreu durante o massacre levado a cabo pelos bandidos armados na sua povoação

mane, onde iria ser submetido a uma intervenção cirúrgica de emergência. A bala que lhe provocou a morte perfurou-lhe o maxilar superior do lado esquerdo, atravessou o céu da boca, e saiu do lado oposto.

O irmão, Rosário Pedro, de oito anos, mais uma mulher de cerca de 25 anos, foram evacuados de avião para Quelimane em estado grave. A Rosário foi amputada a perna esquerda e a mulher o braço direito, dada a gravidade dos ferimentos.

Os pais do Rosário e do malogrado Patrício Pedro, cujos nomes não foi possível apurar, também perderam a vida.

Segundo relatos dos sobreviventes, o motivo do ataque terá sido apenas uma reunião que os aldeões tiveram na tarde anterior com estruturas bancárias para se inteirarem dos objectivos da Campanha de Poupança desenhada pelo Banco Popular de Desenvolvimento (BPD).

O grupo, constituído por oito homens armados e por um informador,

nido no dia anterior e depois começaram a recolher-nos um a um», disse José Celestino, de 15 anos, um dos sobreviventes do massacre.

«Só na minha casa recolheram sete pessoas da família e depois dirigiram-se para outras casas perto, onde recolheram mais pessoas. Levaram-nos para debaixo de uma mangueira onde nos mandaram tirar as calças e as camisas. Quando nos encontrávamos só de cuecas, começaram a disparar sobre nós».

«Como eu estava perto de uma mata, atirei-me ao chão e rastejei para os arbustos. Dispararam sobre mim mas, como estava a correr agachado não me apanharam».

Pouco depois, quando teve a certeza de que os bandidos se tinham retirado com o espólio, Celestino regressou ao local e encontrou, já mortos, a sua mãe, o tio e um primo de cinco anos. O seu irmão de 12 anos e o padastro ficaram feridos.

«Não havia lágrimas para chorar. Foi com dois cunhados lá ao sítio



Tinha três anos, chamava-se Patrício Pedro e da vida só sabia as brincadeiras inocentes com as outras crianças da sua idade. Desconhecia que havia homens que matavam outros homens e que matavam também crianças. Naquele dia, brincava como nos outros dias e só notou que qualquer coisa de estranho se passava, quando aqueles homens chegaram. E só teve medo quando sentiu o medo dos adultos que com ele viviam. Hoje, já não brinca mais, porque há, ainda, homens que matam crianças, mulheres, velhos e outros homens indefesos